

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

EDUCAÇÃO NO HORIZONTE DA SOLIDARIEDADE: A DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E COMPROMISSO COM O OUTRO¹
EDUCATION IN THE HORIZON OF SOLIDARITY: DONATION OF BODIES AND COMMITMENT TO THE OTHER

Juliana Vani², Maristela Borin Busnello³, Claudionei Vicente Cassol⁴

¹ O estudo que será socializado na XXIII Jornada de Pesquisa, no Salão do Conhecimento 2018 é parte da pesquisa que será desenvolvida no decorrer do Mestrado em Educação nas Ciências-UNIJUI, com bolsa UNIJUI

² Mestranda; Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências. Bolsista UNIJUI, e-mail: julinha.cv@hotmail.com

³ Prof.^a Orientadora; Programa da Pós Graduação em Educação nas Ciências; e-mail:marish@unijui.edu.br

⁴ Prof. Co-orient. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ed. nas ciências e bolsista PROSUP/CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Teorias Pedagógicas e Dimensões Éticas e Políticas da Educação, PPGE-Unijui e do Biosofia:Grupo de Pesquisa em Filosofia e Núcleo de Estudos Filosóficos-URI FW

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração. (Eduardo Galeano- O livro dos abraços)

RESUMO

O presente estudo tem como propósito pensar o currículo escolar no horizonte da educação para o amor, a doação e as atitudes solidárias. A reflexão se apresenta como possibilidade de compreensão da necessidade da escola, pelo seu currículo e prática pedagógica, preocupar-se com o humano do educando. Neste sentido, a educação pode facilitar a transformação social e o desenvolvimento de uma consciência solidária que seja capaz de trabalhar um currículo significativo no qual a aprendizagem se efetive na existência concreta e o pensar esteja comprometido com o fazer pedagógico que contemple o outro e com os saberes culturais, éticos, políticos e sociais. A escola oportuniza a abordagem dos mais diversos temas. Ela é ambiente de reflexão, de discussão, de aprendizado e, um dos locais mais favoráveis para tratar de assuntos carregados de tabus, preconceitos e resistências, como a doação de órgãos. Desta forma, é possível debater no âmbito escolar, pelas vias pedagógicas, com os educandos, uma cultura doadora, solidária, de reconhecimento do outro e oportunizar protagonismos, fundamentados acerca da importância do gesto solidário, generoso, que salva vidas.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

PALAVRAS- CHAVE: Escola, Educação, Amor, Doação, Solidariedade

ABSTRACT

The present of this study is to think about the school curriculum on the horizon of education for love, giving and solidarity attitudes. Reflection presents itself as a possibility of understanding the school's need for its curriculum and pedagogical practice, to be concerned with the human being's. In this sense, education can facilitate social transformation and the development of a solidary consciousness that is capable of working a meaningful curriculum in which learning takes place in the concrete existence and thinking is committed to the pedagogical doing that contemplates the other and with the cultural, ethical, political and social knowledge. The school offers a wide range of subjects. It is an environment of reflection, discussion, and learning, and one of the most favorable places to deal with subjects laden with taboos, prejudices and resistance, such as organ donation. In this way, it is possible to discuss in the school context, through the pedagogical routes, with the students, a donor culture, solidarity, of recognition of the other and to give prominence, based on the importance of the solidarity, generous, life-saving gesture.

KEYWORDS: School, Education, Love, Donation, Solidarity

1. INTRODUÇÃO.

O debate que se estabelece no estudo *EDUCAÇÃO NO HORIZONTE DA SOLIDARIEDADE: A DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E COMPROMISSO COM O OUTRO* [1], tem como finalidade pensar o currículo escolar no contexto da educação para o amor, a solidariedade e a doação, faz referência à função social da escola hoje, função que pode ser viver a educação (Morin 2009), e propor desafios constantes(re) encantar, entusiasmar, é instigar a curiosidade, a criatividade de novas possibilidades, a ajuda mútua, humano solidário, assumir compromisso, através do educar, do aprender a conhecer, do aprender a fazer, do aprender a ser e conviver, do cuidado, do amor.

A educação, como direito social fundamental, se constitui numa ação extremamente humana, pois envolve atividades escolares e, nelas, a relevância da escola no desenvolvimento de um currículo socialmente significativo e subjetivamente instituinte que identifique o protagonismo do/a estudante e o desafio pensar criticamente o contexto de sua inserção. Deste modo, a escola apresenta o desvelamento da realidade, oportuniza aos sujeitos identificar os desafios, propor alternativas e estimula as intervenções. Uma escola que se transforma focando na transformação que a educação no horizonte da solidariedade potencializa, não se despluga da constituição de projetos que valorizem a vida.

A escola tem o compromisso, cremos, de orientar-se pelas prioridades, saberes e demandas,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

instituídos na dimensão da política, pela participação e envolvimento vital dos/das alunos/as, docentes, pais e mães e sociedade em geral. Habermas (1989) sustenta que a educação transcorre nos diferentes espaços sociais e em vários momentos, não somente na escola e em sala de aula, mas a família, o contexto socioeconômico, cultural e político colaboram na sua construção. Boufleuer contribui neste sentido, quando afirma que muitas das interações do nosso cotidiano, como as que ocorrem na sociedade, na família e no trabalho, também possuem especificidade educativa (2001, p. 91). Então, a escola tem uma função educacional, política, social e moral, em concordância com os sujeitos que fazem parte dela.

Diante disso, quanto mais impacto e importância tiverem as ações eleitas como boas, necessárias, fundamentais, ou ações conscientes, sociais e cidadãs, que valorizem as potencialidades, as competências, as qualidades e capacidades dos sujeitos, mais fácil tende a ocorrer à valorização das vivências e experiências humanas nos espaços diários de relações. Pensamos que é, portanto, imprescindível que professores/as da área de ciências da natureza, tenham o cuidado para não desvincular o aspecto disciplinar das demais esferas da vida humana. A transdisciplinaridade surge aqui como, carência e urgência, a partir dos saberes científicos, da valorização social e ética do humano em processo de educação.

Ao propiciar novos saberes ou ressignificação daqueles que já assimilados, as escolas facilitam a humanização na perspectiva de um educar para a vida, para a formação humana e solidária. Contribuir para a educação do sujeito, para o humano, é também incitar, despertar, a valorização da própria vida e da vida/existência do outro (FREIRE, 1981). É sustentar aos sujeitos, laços sociais humanitários, e suscitar vínculos solidários, tanto de zelo, de educação, de solidariedade, de ternura, de cuidado, de amor, quanto de participação, cidadania, política e envolvimento comunitário.

As instituições escolares, em nossa compreensão, precisam se preocupar com todas as dimensões dos seres humanos. Os saberes necessitam ser construídos juntos, de maneira responsável para que possam contribuir na constituição de sujeitos com capacidade crítica, participativa e atuante/instituinte na sociedade. Sujeitos que sintam-se livres para suas decisões, para enfrentar desafios, para dar luz a suas próprias identidades e, deste modo, permitir que floresçam as subjetividades. Isto se torna possível, acreditamos, quando introduzir-se no currículo escolar momentos, situações, reflexões que discutam assuntos, temas relacionados ao seu contexto. Em se tratando de ciências da natureza, a doação de órgãos é um exemplo. Este tema tem caráter universal e nos esforçamos para que se globalize como integrante dos currículos escolares, em todas as modalidades de ensino, na forma de ação inter e transdisciplinar e/ou de temas transversais.

No Brasil, a questão da doação de órgãos, além de pouco estudada no ensino básico, ainda deixa a desejar nas áreas de saúde, da ética, da bioética, do direito, da sociologia. Junto a esse, que julgamos, descaso, não se discute a igualdade, os direitos humanos, a solidariedade e, tampouco, as legislações pertinentes. Não se desenvolvem projetos que expliquem e abordem, questionem e

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

informem acerca da doação de órgãos. Em nossa compreensão, estas constatações podem ser vistas como reflexos da sociedade individualista e capitalista, denunciadas por vários pensadores contemporâneos, como Horkheimer, Maturana, Adorno, Bauman, Jameson, Boff, Frigotto, Lavall, Morin e outros.

Educar para o amor, para o ato solidário, como gestualidade que educa e constitui empoderamento, pode prolongar as existências e dar qualidade à vida, e se constitui em uma das aptidões a serem desenvolvidas nas salas de aula. Momentos que possibilitem falar da vida e do amor pela vida no seu sentido mais abrangente – enquanto macrodimensionada – e também no específico da existência concreta – no mundo microssocial –, sobre a importância da doação, da solidariedade, da valorização, do respeito, do cuidado e de iniciativas pioneiras, vanguardistas, com campanhas de educação que incentivem o aumento do número de doadores, podem constituir conteúdos e práticas curriculares de todos os níveis e modalidades de ensino. A prática ajuda na construção dos saberes, conhecimentos se transformam na proporção que a realidade, o contexto, também se modifica (FREIRE, 2009, p. 114). Freire (2009) considera a escola um lugar cheio de vida, com muitas e diferentes afinidades, onde é possível conversar, discutir, estudar, participar. Comenta, ainda que o educar deve desenvolver-se com amor e de forma corajosa, necessita de uma relação oportunizadora da amorosidade, como, um confiar no outro, um caminho que se faz caminhando, uma possibilidade de (re)construção das histórias com as próprias mãos.

2 METODOLOGIA

Para o presente estudo, inicialmente, realizamos um levantamento bibliográfico. Após, para aprofundar a pesquisa, desenvolvemos buscas a partir dos autores que abordam o assunto, ou, analisam, discutiram ou escrevem como a escola, ou o currículo escolar, na área de ciências da natureza, pode contribuir para a sensibilização dos sujeitos no sentido estrito da humanização que tematizamos aqui: cultura da doação de órgãos como atitude pessoal e coletiva a ser potencializada. Para concluir o estudo referente ao tema proposto, a reflexão, compreensão e possibilidades desta escrita, fundamenta-se na pesquisa bibliográfica. Buscamos leituras referenciais em Humberto Maturana e Paulo Freire, pesquisadores que destacam o grande desafio das relações sociais e da condição humana, do amor, ou da vivência do amor como gestualidade incondicional. A motivação para o desenvolvimento desta temática parte das vivências e experiências individuais da autora Juliana Vani, mesmo que de modo fragmentado, mas constitutivos da sua história.

Pensar a educação e a solidariedade na persecução da doação de órgãos, exige, igualmente, a ampliação das concepções culturais tradicionais e a percepção de um Estado laico que compreenda a vida como gratuidade. Desta forma, faz-se necessária a leitura de textos, livros, enciclopédias de autores diversos, como: Bauman (2001, 2003, 2004), Castoriadis (1997), Freire (1986, 1996, 2001), Goodson (2012), Maturana^[2] (1997), Morin (1999), Singly (2003), entre outros pesquisadores que debatem a doação de órgãos, a educação, o amor e a solidariedade.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Fragmentos de uma história de vida

Dou minha vida pelo outro. Faço isso, pois já provei que minha “fragilidade é corajosa” [1]. Dou meu riso, meu regalo, meu entusiasmo, meu bem-estar, meu contentamento. Dou meu canto e meu encanto. Dou aquilo de melhor e mais profundo que eu tenho em mim. Dou o meu amor [2]. Dou esse amor que tem o poder de me libertar. Dou meu amor sem egoísmo. Sei que amor doado é mutualidade. Dou minha vida para o outro/a outra. Dou porque dar/doar é reciprocidade. Eu tenho medo da morte, por isso faço o que posso pela vida. Compreendo que para viver não preciso de muitas garantias. Não preciso suprir nem criar expectativas, nem deixar de viver grandes possibilidades, porque todos são lindos momentos. Não preciso ter pacotes de felicidade, de encantamento, de vida ideal. Primo pela overdose de vida que tenha amor. Não amor aparente; mas amor que está na essência de cada um.. [3]

[1] Cassol, Claudionei Vicente. Minha cruz é bem mais leve. Jornal O FATO. Rodeio Bonito. Inscr. Munic, 28364 -12 de novembro de 2009.

[2] O amor está enraizado no nosso ser corporal e, neste sentido, podemos dizer que o amor precede da palavra. Mas só amor está, ao mesmo tempo, enraizado do nosso ser mental, no nosso mito, o qual supõe, evidentemente, a linguagem, e podemos dizer que o amor precede da palavra. O amor procede da palavra e, ao mesmo tempo, precede a palavra. (Morin, 1997, p.19).

[3] A epígrafe externaliza o sentimento pessoal da autora, pois, expressa seus sentimentos mais profundos em relação aos fragmentos de sua experiência de vida. São reflexões pessoais de um momento capaz de provar que o amor é o que de mais valioso se pode ter. Momento que provocou grande mudança na vida da autora e contribuiu para perceber a importância do elo cotidiano

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

entre a razão e a emoção no (con)viver humano. O momento não a tornou mais feliz, mas melhor e ainda oportunizou-lhe viver a vida de modo mais leve, mais poética e mais amorosa.

[4]

Deste modo, cabe questionar na metodologia socrática, baseada na retórica e oratória eloquente, não sem profundidade e amplitude, o que é o amor? Há condicionalidades no amor? Podemos debater nesse sentido, com palavras freireanas: “O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro” (FREIRE, 1981, p. 29). Compreendemos que é o amor que possibilita um morar no coração de outrem, é relação profunda, é ser, conviver e fazer parte de outra vida, mesmo sem nunca tê-la conhecido. É, portanto, leveza na alma, paz no coração, riso fácil, dar-se sem querer nada em troca. Amor é ato leve, pré-disposição, reciprocidade, cuidado...

Escrever sobre nossa trajetória de vida é sempre desafiante e emocionante. As memórias da autora envolvem histórias de alguns momentos vividos na relação educacional que envolvem, solidariedade e amor. Parte desta história, de experiências vividas, está marcada para sempre por saudades e orgulho. Esta tematização apresenta fragmentos da história da autora, o que indica que a metodologia utilizada para a reflexão se fundamenta em pesquisa biográfica, de fundo, e bibliográfica, no lastro teórico de autores como Humberto Maturana e Paulo Freire, destacados pesquisadores envolvidos no grande desafio de pensar as relações sociais e a condição humana e desse lugar, ver a possibilidade do amor como ação pedagógica no horizonte da educação e da solidariedade. As apropriações realizadas, a partir destes autores e de outros que aproximamos às experiências de vida, têm o objetivo de pensar a educação como atitude possível na instituição de lições de amor, de solidariedade e de compromisso com as outras pessoas, potencializando ações que despertem para a atitude de doação, na qual se inserem as doações de órgãos.

O cuidado surge quando a existência de alguém tem relevância, significa, simboliza, diz algo sussurrando diretamente ao interior da alma. Passamos, então, a dedicar-nos a esse alguém, com disposição de participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida, como ensina Boff (1999, p. 91): Cuidado significa desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Enquanto educadoras, temos percepção de que a gestualidade, o movimento, do educar não se limita à sala de aula, ele contribui para a construção de humanidade enquanto provoca para que a ciência e consciência apareçam em cada indivíduo. Nosso conhecimento é construído através da nossa relação com o outro, com o mundo. Morin (1997) ao pensar acerca do amor, afirma que ele faz parte da palavra, da alegria, da vida das pessoas. Assim, corrobora Rubem Alves quando escreve que, os instantes de boniteza vividos por nós e que podemos amar por momentâneos que sejam, tornam-se experiências que permitem à eternidade. Esses momentos de beleza e amor fundamentam uma vida inteira por mais breve, fugaz, que seja [5].

Freire (1981), quando escreve sobre educação, nos diz que quando educamos os seres humanos para o amor, estamos contribuindo para sensibilizar, conscientizar, abrir horizontes humanitários, relações solidárias, de ternura, de cuidado e de amor. A humanização contribui com educar para a vida, com educar os seres humanos em sua totalidade/integralidade, considerando seu contexto,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

seu mundo. Daí advém à importância que a educação seja pensada e fundamentada na (re)construção dos pensamentos, dos valores da humanidade e assumida em sua complexidade. Esse é um dos motivos que nos desafiaram na dimensão da educação, a relacionar com os educandos e educandas, os saberes da vida no processo de construção do conhecimento que é também relação, compromisso, superação.

Nas palavras de Freire (2003), é necessário considerar a escola como local no qual o contexto e o ambiente proporcionem, além do aprender a aprender, ainda a construção de conhecimentos, estímulos à formação humana e à valorização da vida própria e do/da outro/outra. Freire, além de concordar e afirmar que a educação é uma forma de intervenção no mundo, destaca que ela mesma exige que os/as professores/as tenham a coragem de adotar a plenitude da condição humana, construindo uma escola que contribua para o processo de humanização, que possa abrir a possibilidade, aos sujeitos, do aprendizado constante do viver como compromisso com a humanidade que há em cada indivíduo e que a garantia dessa vida cada vez mais plena é construção e conquista que faz no cotidiano.

Arroyo, nesse mesmo sentido,

A escola é importante, influencia, e muito, nossas vidas. O que levamos de tantas horas vividas no tempo da escola? Levamos hábitos, sobretudo. Hábitos de pensamento, formas de raciocínio, gestos, sensibilidades, formas de fazer, de compartilhar, de intervir. Levamos mentalidades, valores e autoimagens. Levamos pensamentos materializados em formas de pensar. (...). Levamos sentimentos do mundo, da sociedade e do ser humano materializados em formas de sentir. (ARROYO, 2000, p. 112).

Estas reflexões estão postas no plano de fundo da tematização que esboçamos, com o intuito de problematizar e nos movermos para compreender o quão importante e necessário se faz a introdução no currículo escolar, como tema transversal e transdisciplinar, a temática à cultura da doação de órgãos. A doação de órgão é o desapego do material que se apossa de nossa consciência e a coloniza, titulando a propriedade privada sobre a vida e laureando os atos egoístas de colonização daqueles e daquelas que nos são, por algum fator, mais próximos, mais queridos. Deste modo a estudar e debater as concepções individuais acerca da problemática que apresentamos e pensar possibilidades instituintes de atitudes solidárias e de compromisso com o outro/com a outra na continuidade, prolongamento e qualidade da vida, surgem como necessidades pedagógicas. É preciso, em nossa lógica de compreensão, oportunizar a reflexão nas salas de aula, sobre a importância da doação enquanto ato gesto, solidário de respeito e de amor aos próximos; é, ato que envolve a mais profunda conexão entre os seres humanos.

Concordando com Boff (1999) dizemos que nada resiste ao bem e ao amor. Cremos que como educadores e educadores, precisamos contribuir para que os/as educandos/as compreendam que o ato de doar, ou, que a doação de órgãos é uma lição de amor, de solidariedade, de generosidade e

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

de cidadania e, a partir de um relato de história existencial, carregado de emoção, reflexão, ensinamento, desabrochem ações a partir das salas de aula, de novas modalidades de ciência, de novas abordagens das ciências da natureza. Vemos nisso, possibilidades, de estar incentivando e esclarecendo as questões relacionadas ao ato solidário comprometido com a vida. Este ato solidário acontece na medida em que as instituições escolares desenvolvem iniciativas dispostas a problematizar, a pensar e a dialogar, realizando a (re)leitura dos contextos dos sujeitos, das situações que os envolvem no mundo falível, contingente e precário que vivemos.

A área das ciências da natureza tem condições de possibilitar realidades de aprendizagem, de autonomia e emancipação solidárias, a partir, também da oportunização que o documento das Bases Nacionais Comuns Curriculares (BNCCs)[\[6\]](#) apresentam. E entre outras competências, o compromisso com o desenvolvimento do saber científico, ou seja, a possibilidade de interpretar, compreender e produzir com a leitura de mundo que põe em conflito o social, o cultural, o moral do mundo dos alunos e o contraponto da ciência, do saber sistematizado, mediados pelo diálogo dos sujeitos envolvidos. As Bases, em nossa compreensão ampliam a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade enquanto ações pedagógicas possíveis na área da educação oficial/institucional. Faz isso ao apresentar temas como os valores humanos, fundamentos e princípios éticos, políticos e estéticos, evidencia eixos de formação que vinculam o currículo escolar ao longo das etapas de ensino com a solidariedade e a sociabilidade.

Doação de órgão, então, se constitui em tema delicado, polêmico e novo, tanto na forma de abordar, de expor, quanto como acontecimento um momento de pessoal, individual, subjetivo, dor ou que, também, envolvem preconceitos. Pelo medo da morte, muitas vezes, as pessoas não se encorajam a pensar na questão. O tema, embora seja considerado de extrema importância, sofre bloqueios; mas pensamos que deve ser estudado nas instituições escolares, uma vez que a conscientização dos sujeitos, das comunidades escolares é passo inicial a fim de formar cidadãos comprometidos com o coletivo, com a vida em seu sentido mais lato e com os indivíduos da mesma espécie, a humana. Tudo isso, cremos nos prepara para enfrentar os conflitos e os inúmeros problemas, tanto na escola quanto na sociedade. Enquanto sujeitos somos diferentes, temos inteligências diferentes, mas temos em comum a vontade, mesmo enquanto possibilidade humana, de fazer o bem. Quando esse bem é validado coletivamente e construído, independente de qual área, de qual situação, de qual momento, então, se radicam atos solidários. Ou, dito de outra forma, quanto mais amplitude tiverem boas ações ou ações decididas no coletivo, com a consciência humana pautada pela ética, que valorizem as capacidades e potencialidades das pessoas, mais facilidades há de se ter para qualificar as vivências e experiências humanas na sociedade, nas comunidades, nos seus espaços diários de relações, e, também, nas dimensões sociais, políticas, religiosas, culturais e pessoais.

Portanto, com o propósito de introduzir este tema no ensino oficial, ou, no currículo escolar, pensamos na possibilidade de criar espaços, momentos de discussões, de trocas de conhecimentos, espaços colaborativos, de operação filosófica no interior das ciências humanas sugerindo o sentido da geração de mudanças de atitudes e de valores com relação à doação de

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

órgãos. Grupos de estudos e espaços de relacionamento que tematizam a doação de órgão, facilitam as assimilações e as compreensões do tema tanto na comunidade escolar quanto na comunidade local. As ciências da natureza também podem investigar possibilidades para problematizar e demonstrar dadas e estatísticas acerca tanto do aumento das necessidades de doações como para aumentar o número de doadores/as.

Ao abordar este tema nas escolas, permite-se momentos de troca de saberes, de discussões, de informações. Desse modo, nos parece possível uma transformação também na maneira de ensinar, na percepção de que a educação não se limita a salas de aula e que ela contribui para a construção da própria humanidade, do humano do educando, permitindo que ele se descubra como sujeito, que saiba respeitar a si e aos outros. Como compreende Maturana (1997b, p. 237): “Cada um de nós é e será, de uma ou de outra maneira, de acordo com aquilo que vivermos”. Para Maturana (1997) educar é conviver, é aceitar-se de maneira recíproca, não somente quanto a conteúdos, mas nas práticas pedagógicas, no respeito aos valores, nas diversidades dos sujeitos e de suas totalidades. Educar é permitir aos educandos/as, informações para a elaboração de conhecimentos sobre este assunto, ideias e atitudes, esclarecimentos motivem, informem com o espírito de cientista, de busca, de pesquisa, com responsabilidade/compromisso e autonomia. A Escola, assim, possibilita trabalhar a aprendizagem solidária, a sensibilização, a compreensão, a assimilação e, por conseguinte informar, apoiar e encorajar os estudantes a discutir sobre o assunto com as pessoas do seu meio, sobre o desejo de ser um/uma doadora.

Diversos autores como Singly (2003), Freire (1986, 1996, 1997), Bauman (2001, 2003, 2014), Maturana (1997, 2001), Morin (1999), apontam que teríamos uma situação diferenciada se as instituições escolares inserissem temáticas da vida no cotidiano dos estudantes, já nos primeiros anos escolares e qualificassem a educação com metodologias significativas e edificadoras e abordassem, com atenção, discussões que permitissem aos indivíduos compreender-se envolvidos nessas mesmas situações.

Na compreensão de Boff (1999), toda a forma de amor é linda. Ele resiste, quando todo o restante se vai. Ele pode levar ou deixar tudo. Tem a capacidade de tecer histórias, construir, através do diálogo, interações sociais. Em sua dimensão nos permite deixar vir à tona o verdadeiramente humano que habita em nós, para além das diferenças de gênero, raça, cultura e ideologia. Um humano facilita para com que juntos choremos, juntos nos enxuguemos às lágrimas, juntos possamos sentir e viver o amor verdadeiro. Seguindo essa compreensão, Marurana colabora afirmando que “o amor acontece porque acontece, e permanece enquanto permanece.” O que torna amor especial não é o amor, mas o que fazemos no amor, por amor enquanto humanos. Ainda “o amor é a fonte da socialização humana” .A socialização é o resultado do operar no amor”. (MATURANA, 1997, p. 185). Assim, o ato de amor e generosidade que vivem em potencialidade nas instituições escolares, tem condições de movimentos de sensibilização, de cuidado, de responsabilidade, de envolvimento com o outro.

Singly corrobora essa compreensão, ao afirmar que “[...] o “nós” deve respeitar os “eu” que o

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

compõem” (2003, p. 22). A solidariedade permite mudar a realidade de todos os seres, uns para com os outros. Deste modo, não adianta estar bem se ao seu redor está um caos. Quando somos bons para os outros, somos ainda melhores para nós. Singly (2006) reforça,

O indivíduo não se realiza apenas na discussão, tem também necessidade de uma outra forma de relação com os outros para descobrir a sua originalidade, a sua autenticidade, a sua interioridade. [...] O eu não pode ser alcançado senão pelo diálogo com um outro significativo, através da formação de relações afectivas, amorosas e de amizade (2003, p. 189)

A solidariedade, o amor ao próximo, contribui para explicar a organização social, dá suporte para a construção de uma sociedade melhor, igualitária e humana, com as especificidades de cada indivíduo. Ela, a solidariedade, contribui e é responsável pela coesão, harmonia, constituição dos valores morais, da consciência coletiva, do vínculo, dos sentimentos e dos laços solidários estabelecidos entre os indivíduos, nas relações humanas. Relacionado a esse pensamento, Bauman nos ensina:

[...] Amar o próximo como amamos a nós mesmos significaria então respeitar a *singularidade de cada um* - o valor de nossas diferenças, que enriquecem o mundo que habitamos em conjunto e assim o torna um lugar mais fascinante e agradável, aumentando a cornucópia de suas promessas (2004, p. 103, grifo no original).

Compreendemos que é possível construir um mundo igualitário e melhor. Mas, compreendemos, igualmente que essa construção pode acontecer a partir do respeitar os valores e contribuir para promoção de uma cultura oportunizadora, de informações. Essas são referências necessárias a qualquer temática: informações, dados, diálogos que possam ser socializados, de maneira clara e coerente, também através da educação. Muitas vezes, fatos que nos ocorrem, como na experiência de vida, ou no relato pessoal, ensinam algo que nos torna melhores e mais fortes. São brotos de amor a contribuir para a humanidade porque se desenvolvem no seio da solidariedade humana e da justiça social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, em seu acontecer recíproco, acende a necessidade de repensar criticamente o seu real papel social. Uma função que também é a de se preocupar com os sujeitos na sua totalidade/integralidade, no seu contexto sociocultural e econômico, assim como na dimensão pessoal/individual. Um trabalho que foca no desenvolvimento humano, assim como no respeito às diferenças, nos jeitos diversos de ser e de agir, na formação de atitudes e de valores. Assim, cremos, se constitui a cidadania. A escola nos parece ser uma das responsáveis pela formação do sujeito, juntamente com a família. Ela, a família, é apontada como principal colaboradora no

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

processo de ensino, pois é a primeira comunidade a que pertencemos e na qual, primeiro, aprendemos. A família disponibiliza a seus sujeitos, condições de relacionar os saberes cotidianos com a (re)construção de conhecimentos mais elaborados e de aprendizagens científicas.

A escola também está relacionada com a sociedade que a mantém, da qual faz parte. Deste modo, deve preocupar-se em possibilitar, em favorecer, a solidariedade humana, o cuidado, o doar-se, a reciprocidade. Trabalhar para educar sujeitos que possam, além de construir seus próprios conhecimentos, que estejam dispostos para buscar novas aprendizagens, novos saberes e abertos ao desenvolvimento de novas situações e, condições de exercer criticamente a cidadania e construir seus projetos de vida. Sujeitos que contribuam no processo da partilha e, com isso, da doação de órgãos, como sujeitos capazes de proporcionar o aumento do número de doadores e propiciar melhorias nas relações de uns com os outros.

A vida é uma escola onde todos os dias aprendemos, ouve-se comumente alhures. Em se tratando de educação, de amor, de solidariedade, de doação, este dito popular é verdadeiro. A vida nos ensina a sermos mais humanos, a tolerar e a compreender o outro. Ensina-nos a aprender mutuamente, nas escolas e fora de seus muros. Morin (1999) lembra que se não procurarmos o inesperado, não vamos encontrá-lo, precisamos fazer algo para resolver ou diminuir os problemas fundamentais da humanidade. Sabemos que solidariedade é também um ato de sobrevivência, ato diferente dos atuais modos de vivências e experiências que a humanidade tem adotado. Como sugere o autor, é preciso unir os diferentes saberes a que temos acesso, para benefício dos problemas vitais da humanidade. Precisamos mudar de vida, nos metamorfosearmos [7]. Esse aprender, esse amor, esse doar, esse educar, tem a capacidade de dar continuidade à vida. Nesse amor, o eu torna-se, órgão por órgão, pedaço por pedaço, transplantado para outro.

REFERÊNCIAS

ABTO. **Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos**. Disponível em: <http://www.abto.org.br>. Acesso em 08 de abril de 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. São Paulo: Vozes, 1999.

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas**. 3^aed Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais Meio Ambiente e Saúde**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Bases Nacionais Curriculares Comuns**. MEC Disponível no endereço: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em julho de 2018.

HABERMAS, J. **Ciências sociais reconstrutivas versus ciências sociais compreensivas**. In: HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Educação e Mudança. 4ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Medo e Ousadia / O cotidiano do Professor**. 4ªed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. & HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 5 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

MATURANA, H. **Reflexões sobre o amor**. In.: MAGRO, C; GRACIANO, M; VAZ, N. (Orgs). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

_____. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001

MORIN, Edgar. **Amor, Poesia, Sabedoria**. Lisboa, Instituto Piaget, 1999.

_____. **A via para o futuro da humanidade**. 1 ed. Editora: [Bertrand Do Brasil](#), 2011.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SINGLY, F. **Uns com os Outros: Quando o individualismo cria laços**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

[1] O estudo é parte da pesquisa que será desenvolvida por mim, no decorrer do curso de Pós-

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Graduação em Educação nas Ciências – Mestrado e Doutorado da UNIJUI, como dissertação, como propósito pensar o currículo escolar no horizonte da educação para o amor, a doação e as atitudes solidárias. tem como tema escola, educação, amor, solidariedade, amor e doação de órgãos.

[2] Disponível em:
http://escoladeredes.net/group/bibliotecahumbertomaturana?xg_source=activity

[3] O amor está enraizado no nosso ser corporal e, neste sentido, podemos dizer que o amor precede da palavra. Mas só amor está, ao mesmo tempo, enraizado do nosso ser mental, no nosso mito, o qual supõe, evidentemente, a linguagem, e podemos dizer que o amor precede da palavra. O amor procede da palavra e, ao mesmo tempo, precede a palavra. (Morin, 1997, p.19).

[4] A epígrafe externaliza o sentimento pessoal da autora, pois, expressa seus sentimentos mais profundos em relação aos fragmentos de sua experiência de vida. São reflexões pessoais de um momento capaz de provar que o amor é o que de mais valioso se pode ter. Momento que provocou grande mudança na vida da autora e contribuiu para perceber a importância do elo cotidiano entre a razão e a emoção no (con)viver humano. O momento não a tornou mais feliz, mas melhor e ainda oportunizou-lhe viver a vida de modo mais leve, mais poética e mais amorosa.

[5] Disponível em:
http://correio.rac.com.br/_conteudo/2014/04/entretenimento/168225-rubem-alves-traz-reflexoes-n-o-livro-do-amor-a-beleza.html. Acesso julho 2018

[6] Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acessado em julho 2018.

[7] O que é metamorfose? Encontramos inúmeros exemplos de metamorfose no reino animal, principalmente nos insetos. Uma lagarta aprisiona-se em uma crisálida. Ela da início, então, a um processo simultâneo de autodestruição e de autorreconstrução em uma organização e uma forma diferente. Quando a crisálida se rompe, formou-se uma borboleta que, embora permaneça o mesmo ser, tornou-se outro. A identidade é mantida e transformada na alteridade. O nascimento da vida pode, então, ser concebido como uma metamorfose (...). A noção de metamorfose é mais rica do que a de evolução.

Para chegar à metamorfose, é necessário mudar de vida. Mas, se parece possível desviar de certos caminho, de corrigir certos males, o que pode parecer impossível seria frear a supremacia técnica-científica-econômica-civilizacional que conduz o planeta ao desastre. (2013 p. 38 e 39).